

## TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Resumo  
1943  
diz.

### Um nome para um bairro

Um dos bairros mais elegantes do Rio não tem nome. É aquele que fica logo depois do Leblon, do outro lado do canal da Avenida Visconde de Albuquerque, e tem ruas como a Timóteo da Costa, Sambaíba, Apucarana, Codajás, Alberto Rangel, Aperana. Assim como o canal do Jardim de Alá separa Ipanema do Leblon, o outro canal separa o Leblon desse outro bairro onde estão algumas das melhores residências do Rio. Que nome ele deve ter? Dois Irmãos, Vidigal?

Em Ipanema o largo que fica no encontro de Visconde de Pirajá com a Avenida Henrique Dumont sempre foi conhecido como Bar Vinte, devido ao Bar Vinte de Novembro que ali existia (está imortalizado no *Poema Tirado de uma Notícia de Jornal*, de Manuel Bandeira) e até certa época foi ponto de encontros galantes. Com o tempo o Bar Vinte virou Bairro Vinte, como diz habitualmente a gente do povo, quando não diz, estranhamente, Barro Vinte...

Mas o lindo bairro à margem direita do segundo canal e na subida da montanha ainda não ganhou nome nenhum.

X

## Lembrança de Iconha

E agora, não sei por que, me lembro de Iconha. Acho que sonhei com Iconha essa noite. Na verdade estive lá há menos de um ano, quando fui ao Espírito Santo.

Como Iconha parecia longe, na minha infância! Lembro-me de um menino que me espantou porque viera para o colégio de Cachoeiro de uma fazenda "para lá do Frade, para lá do Rio Nôvo, em Iconha, perto de Piúma..." Eu pensava em ir a Iconha tão vagamente como hoje penso em ir à Austrália.

Pois no ano passado, indo de automóvel de Cachoeiro para Vitória, parei em Iconha para tomar um café. Não é muita coisa. Iconha: quase apenas uma rua. Há uma casa bonita, dessas feitas no começo do século, sólida, sóbria e digna. A maioria das outras casas tem as platibandas vulgares da feia arquitetura urbana destes últimos 40 anos do interior do Brasil, sem graça nenhuma.

RN  
Rev. - 11-11,  
Fev. - 49

Mas Iconha me encanta pela sua graça pastoril. A pracinha é dominada por um morro alto, muito verde, cortado diante de nós por um talude de barro vermelho. E lá em cima pastam dez ou doze bois brancos. Eles dominam assim o centro da cidade; no fim da rua há outro morro alto, povoado por outros bois brancos. Atrás deles, o céu muito azul, com algumas núvens redondas. De repente, na curva do morro, contra o céu, passou de crinas ao vento um cavalo preto, de um preto que brilhava ao sol decadente da tarde depois da chuva. Podia ser que fôsse um cavalo comum; mas assim, no alto, entre os tranqüilos bois brancos, o cavalo negro parecia uma aparição de sonho, galopando no céu.

Quando voltei, era noite, e Iconha e seus morros e seus bois dormiam sob a bênção das estrêlas.